

## **IMPERATRIZ NO FIM DO MUNDO: MEMÓRIAS DÚBIAS DE AMÉLIA DE LEUCHTEMBERG (1992), DE IVANIR CALADO – A MEDIAÇÃO ENTRE O TRADICIONALISMO E O DESCONTRUCIONISMO NUM ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO**

Gislaine Gomes<sup>1</sup>  
Gilmei Francisco Fleck<sup>2</sup>

**Resumo:** As várias manifestações da escrita híbrida de história e ficção têm composto um leque de romances que evidenciam a constante evolução do gênero romance histórico. Mais recentemente, o gênero passou a apresentar romances com novas características, romances estes que, a partir dos estudos de Fleck (2017), puderam encontrar espaço próprio entre as classificações e passaram a ser classificados dentro da fase mediadora do romance histórico e da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação. Dentre os romances estudados pelas teorias do romance histórico, encontramos a obra de Calado (1992) *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* que se enquadra no que os estudos de Fleck (2007; 2017) apontam como características de um romance histórico da mais recente modalidade do gênero. Com base na trajetória dos romances híbridos de história e ficção, e nas teorias de Hutcheon (1992), Menton (1993), Mata Induráin (1995), Fleck (2007; 2017), dentre outros, buscamos por meio deste artigo apontar reflexões que classifiquem o romance de Calado como mais um dos romances históricos contemporâneos de mediação.

**Palavras-chave:** Escrita híbrida de história e ficção. Romance histórico contemporâneo de mediação. *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* (1992).

A trajetória do gênero romance histórico tem demonstrado uma constante evolução, desde o início do século XIX, quando se deu seu surgimento, até a contemporaneidade, o gênero híbrido de história e ficção passou por diversas reformulações, objetivando desde a valorização do herói histórico até a crítica à historiografia hegemônica. Esteves (2008) entende essa constante como uma crise identitária do gênero. Ela está calcada no caráter híbrido dos romances históricos e, sobretudo na América Latina, na hibridação cultural e identitária do próprio povo latino-americano. Segundo o autor,

[...] pode-se dizer, de acordo com vários estudiosos, que o romance histórico está em crise desde suas origens, embora tenha sobrevivido e se adaptado ao longo dos últimos dois séculos. As crises de identidade pelas quais passou estão relacionadas, no fundo, com sua essência híbrida. Conforme mudam as concepções do romance e suas relações com a sociedade, também muda o romance histórico, da mesma forma que também se vê afetado a cada mudança epistemológica do discurso histórico. (ESTEVES, 2008, p. 59).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Unioeste - Cascavel. Professora de Língua Inglesa com licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, com especialização em Literatura e Ensino, e, Língua Inglesa, todos pelo Centro Universitário Assis Gurgacz. Email: gislainegomes24@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela Universidade de Vigo, com Bolsa da CAPES, Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Email: chicofleck@yahoo.com

Essa evolução do gênero híbrido de história e ficção já resultou, no que apontam os estudos de Fleck (2017), em cinco modalidades diferentes organizadas em três fases. A primeira fase é apontada por Fleck como fase acrítica. Ela abarca as modalidades clássica scottiana e a tradicional. A primeira é originária da Escócia e foi inaugurada pelo escritor Walter Scott com sua obra *Waverley* (1814). A segunda derivou da primeira e começou a aparecer ainda no romantismo e suas diferenças serão discutidas logo mais adiante.

A segunda fase é denominada por Fleck (2017) de fase crítica e desconstrucionista. Ela está composta pelas modalidades do novo romance histórico latino-americano e pela metaficção historiográfica. As modalidades desta fase têm uma participação maior em território latino-americano. A primeira delas foi inaugurada por Alejo Carpentier, com sua obra *El reino de este mundo*, em 1949. A ela se seguiram outras obras totalmente críticas e questionadoras do passado histórico que passou a ser renarrativizado nos romances, inclusive com amplo emprego de recursos metaficcionalis, originando, assim, a segunda modalidade dessa fase.

Já ao fim dos anos de 1980 surgem obras com características divergentes das conhecidas até então. Estas obras não comungavam cegamente com o discurso historiográfico, como as da fase acrítica, mas, também, não exacerbam críticas ferrenhas à historiografia ou empregam recursos escriturais muito desconstrucionistas. A partir delas surge, então, a terceira fase: a que Fleck (2017) classifica como a fase mediadora. Nela se encontram os romances mais atuais da modalidade que o autor denominou de romances históricos contemporâneos de mediação.

## **ROMANCE HISTÓRICO: FASES E MODALIDADES**

Os primeiros romances históricos dos quais se têm conhecimento foram escritos pelo escocês Walter Scott a partir de 1814. A publicação de *Waverley*, o primeiro romance híbrido scottiano, instaurou um diálogo entre história e literatura em novos moldes. Segundo Mata Induráin (1995, p. 21), nesses romances “*no encontramos la voluntad de reconstruir el pasado [...]*”, entretanto, esses romances foram o modelo inaugural para que seus seguidores lançassem,

posteriormente, narrativas que resgatassem valores sociais e instigassem pensamentos e talvez ações no coletivo europeu da época.

Os romances de Scott e aqueles muito similares produzidos por seus seguidores foram classificados por Fleck (2017) como romances clássicos scottianos. Essas obras possuíam características particulares e eram/são identificadas por traçarem uma ficção pautada em protagonistas ficcionais que travam batalhas pessoais em meio a conflitos históricos ocorridos em um passado bem conhecido do leitor. O teor histórico da narrativa da modalidade clássica ocupa apenas o pano de fundo, assim como personagens de extração histórica são mencionados do mesmo modo que os registros históricos os descreveram nos anais da história.

A partir das obras scottianas, muitos de seus admiradores publicaram romances híbridos, seguindo a estrutura do precursor. Isso levou a algumas significativas mudanças no modelo primeiro. Estas obras decorrentes da modalidade clássica, em muito se assemelham ao romance clássico scottiano, entretanto, “em várias de suas obras, o protagonismo começa a ser desempenhado pela população, que substitui, nas tramas, as ações efetuadas pelos heróis isolados, como ocorria com os protagonistas de Scott [...]” (FLECK, 2017, p. 48).

Ambas as modalidades até agora apresentadas pertencem, segundo Fleck (2017), à fase acrítica do romance histórico. Esses romances em nada questionam qualquer alegação historiográfica. O que se buscava com esses romances era a exaltação do herói histórico e a busca pela consciência histórica coletiva, rememorando junto ao povo a relevância de sua participação nos conflitos nacionais, visto que, principalmente Walter Scott, escrevia seus romances em meio ao período das conquistas napoleônicas.

Visto que a literatura acompanha os questionamentos da sociedade na qual se insere, no contexto latino-americano encontramos referências questionáveis ao buscarmos por um herói a ser exaltado. A trajetória da conquista das Américas, e como esta fora retratada, levanta dúvidas e, mesmo com a publicação de romances históricos acríticos, na América Latina, a partir de 1949, com o romance de Alejo Carpentier, *El reino de este mundo*, inaugura-se uma nova fase do romance histórico: a fase crítica edesconstrucionista do gênero.

A fase crítica edesconstrucionista engloba, segundo Fleck (2017), duas modalidades: a primeira é o novo romance histórico latino-americano. Nele há grande crítica à historiografia hegemônica. Isto é, aos relatos historiográficos favoráveis aos colonizadores e excludentes em relação aos povos nativos no continente descoberto. Os novos romances históricos exploram outras perspectivas sobre os relatos, desconstruindo a imagem de até então heróis inquestionáveis e desafiando até o próprio processo de criação discursiva e narratológica. O experimentalismo formal é o atributo mais evidente do novo romance histórico latino-americano, a estrutura narrativa é contraposta podendo um romance ter mais que um ponto de partida, começar pela metade, terminar pelo começo, ou mesmo ser estruturado ao revés. O embate passa a ser contra qualquer tradicionalismo, tanto histórico, quanto literário e estético.

A segunda modalidade dessa fase é a metaficção historiográfica. Ela, segundo apresenta Fleck (2017), realiza uma crítica forte ao discurso histórico excludente, inserindo personagens históricas negligenciadas pela historiografia, aquelas figuras que tiveram certa participação nos eventos históricos, mas, por determinados interesses ou costumes, não fizeram parte dos registros tomados como fundamentais para a história.

Essas obras priorizam os olhares transversais e discutem a construção do discurso histórico excludente na superfície do romance. Dessa forma, a voz dos silenciados é evidenciada, personagens marginalizadas são postas em primeiro plano e as perspectivas exploradas no romance passam a ser de vários personagens, proporcionando ao leitor uma pluralidade de discursos possíveis. Mais uma característica fundamental da metaficção historiográfica é o experimentalismo linguístico, junto com o novo romance histórico, a metaficção historiográfica participa de um verdadeiro laboratório.

Esses romances críticos/desconstrucionistas seguem um caminho diverso da tradição do romance histórico europeu. Nele há características que o inserem na identidade genuinamente latina, uma identidade fragmentada, resistente e militante em diversos aspectos, que busca, ao longo dos anos, evitar o total apagamento de seu passado. Isso se dá pelo fato de a historiografia ter priorizado o discurso dos vencedores e negligenciado a perspectiva dos que foram derrotados na tentativa de resistir ao domínio europeu. Assim, tais romances

provocam interpretações que ultrapassem o discurso histórico oriundo da época dos eventos narrados, ou tentam considerar outras vozes no discurso além das tantas vozes enaltecidas.

A leitura de obras dessa segunda fase do romance histórico, entretanto, exige do leitor certo preparo para compreender o discurso das narrativas, a paródia instaurada nos romances necessita conhecimento prévio sobre determinados assuntos para que possa ser compreendida.

Assim, outros romances históricos começaram a surgir, justamente influenciados pelo interesse em estender as narrativas híbridas a leitores mais jovens ou àqueles que buscam por obras com estruturas mais simples. A partir de então surge o romance histórico contemporâneo de mediação.

## **O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO**

Ao nos aproximarmos do início do século XXI, o desconstrucionismo presente no romance histórico foi, aos poucos, dando espaço à mediação. Os romances históricos que começaram a surgir a partir da década de 1980 comungam de características presentes tanto na fase acrítica quanto na fase crítica dos romances híbridos de história e ficção. Menton (1993), ao apresentar um estudo sobre o novo romance histórico e suas características, afirma reconhecer obras publicadas a partir dos anos 80 que não correspondiam totalmente com seu estudo sobre o gênero, mas que não seria necessária a presença de todos os elementos classificatórios em um romance para classificá-lo dentro de determinada modalidade. Nesse sentido o autor expressa:

*Puesta que hay tanta variedad entre las novelas históricas publicadas entre 1979 y 1992, las nuevas al igual que las tradicionales, es imposible atribuir la proliferación de todo el subgénero a una sola causa específica o aun a una serie de causas específicas. Una actitud más prudente consiste en proponer y comentar tantos factores como sea posible, con la advertencia de que todos los factores no se pueden aplicar a todas las novelas.*<sup>3</sup> (MENTON, 1993, p. 48).

---

<sup>3</sup> Nossa tradução: dado que há tanta variedade entre os romances históricos publicados entre 1979 e 1992, novos e tradicionais; é impossível atribuir a proliferação de todo subgênero a uma única causa específica ou mesmo a uma série de causas específicas. Uma atitude mais prudente é propor e comentar o maior número possível de fatores, com a ressalva de que todos os fatores não podem ser aplicados a todos os romances.

A afirmação de Menton contribuiu para que esses romances mais recentes não encontrassem um espaço específico de classificação, sendo muitos deles apontados como novos romances históricos ou metaficcões historiográficas simplesmente por fazerem uma leitura crítica do passado. No entanto, Fleck (2017) publica sua obra *O romance histórico de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*, na qual apresenta um estudo claro sobre as diferentes modalidades do romance histórico e instaura uma nova fase: a mediadora, e uma nova modalidade de escrita híbrida: o romance histórico contemporâneo de mediação.

No romance histórico de mediação, encontram-se a comunhão com o discurso historiográfico, a estrutura linear e simples do romance tradicional e a leitura fluida das obras, incluindo a crítica a esse mesmo discurso histórico feita nas modalidades desconstrucionistas, mas sem os exacerbados experimentalismos das modalidades altamente críticas e paródicas. Desta forma, temos uma modalidade que estabelece certo diálogo entre as diferentes ocorrências anteriores, ocupando um caminho alternativo sem deixar de promover questionamentos e levantar outras possibilidades de leitura dos eventos históricos.

Fleck (2017) organiza as características do romance histórico contemporâneo de mediação em seis. A primeira constitui-se na “construção da verossimilhança [...] a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico.” (FLECK, 2017, p.109). Os romances históricos de mediação buscam estabelecer uma relação entre a ficção e a história não a ponto de refutar ou desconstruir o discurso historiográfico, mas apresentá-lo pelo ponto de vista de quem foi ignorado por esse mesmo discurso, como as mulheres, os autóctones, os escravos, os humildes trabalhadores e demais personalidades que, ou tiveram enfoque secundário na história, ou de fato ficaram de fora dos relatos.

Na sequência, Fleck aponta também para a “linearidade cronológica dos eventos na diegese, fixando-se neles para assegurar o avanço da narrativa” (FLECK, 2017, p.109), como típico dessa modalidade. Ao contrário dos romances críticos/desconstrucionistas, que rompiam com o tradicionalismo formal e invertem

e mesclam a cronologia da narrativa, o romance histórico mediador mantém a característica tradicional de linearidade cronológica sem deixar de “manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses.” (FLECK, 2017, p.110).

Como já comentado na primeira característica, o romance possui “foco narrativo geralmente centralizado no ex-cêntrico evidenciando perspectivas “vistas de baixo” (SHARPE, 1992), pois privilegia visões a partir das margens, sem centrar-se nas grandes personagens da história como o fazem muitos novos romances históricos e algumas metaficções historiográficas.” (FLECK, 2017, p. 110). Ao evidenciar outras perspectivas, o romance possibilita diferentes visões sobre o evento histórico sem alterar totalmente o discurso historiográfico, isto apenas apresenta que há diferentes pontos de partida para a mesma narração, seja ela contada pelo herói, ou pelo seu escudeiro.

Em relação à linguagem empregada nos romances históricos contemporâneos de mediação, Fleck (2017, p. 111) aponta para o “emprego de uma linguagem simples e de uso cotidiano, em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos e de muitas metaficções historiográficas e das discussões teóricas muitas vezes incluídas nessas modalidades.” O uso dessa linguagem coloquial, junto à linearidade cronológica, oferece uma leitura fluída e colabora para que a leitura do romance seja mais atrativa para uma parcela maior de leitores.

O “emprego de estratégias escriturais bakhtinianas [...] como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além, é claro, da paródia” (FLECK, 2017, p. 111) também fazem parte dos romances históricos mediadores, além, também, do uso de recursos metaficcionais. Essa última característica é um dos elementos que mais devem ser observados na modalidade mediadora, pois, pela presença da metaficção algumas dessas obras acabaram sendo classificadas como metaficções historiográficas, como aconteceu com o romance de Calado (1992)<sup>4</sup> *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* a ser analisado na sequência do presente artigo. Para Fleck (2017, p. 111) a presença

---

<sup>4</sup> SANTOS, A. M. dos. “A relativização da verdade em A imperatriz do fim do mundo”. **Revista Eletrônica Vidya**. Centro Universitário Franciscano de Santa Maria – RS, p. 119-127, jan./jun. 2000.

desses recursos metaficcionalis no romance histórico de mediação tem por objetivo

[...] localizar leitor no espaço e no tempo da narrativa, quando esta se vale de manipulações temporais ou decide utilizar recursos como as elipses e as omissões, além de conscientizar o leitor de que ele está diante de uma construção discursiva.

A metaficção nos romances históricos mediadores contribui para a crítica a defendida na narrativa, auxilia na organização dos discursos e, em algumas obras, na evidenciação dos limites entre a história e a ficção. Entretanto, essas ocorrências são eventuais nos romances de mediação, ao contrário das metaficções historiográficas que são metaficcionalis em sua totalidade.

Em suma,

[...] essas narrativas híbridas de história e ficção atuais não se fixam, como ocorre com o novo romance histórico, em grandes heróis mitificados pelo discurso historiográfico e na releitura de suas ações com o intuito de romper imagens cristalizadas e mitificadas destes. Antes da desconstrução de heróis consagrados e suas ações, elas buscam personagens históricas periféricas, marginalizadas ou excluídas – ou metonímias destas –, a fim de representar perspectivas silenciadas e negligenciadas pela historiografia. São releituras críticas do passado, com personagens protagônicas ex-cêntricas, como ocorre várias vezes na metaficção historiográfica, contudo, sem o sumário intento da desconstrução radical que orienta a produção crítica precedente. (FLECK, 2017, p. 105).

Essas características, em sua maioria, estão presentes no romance de Calado (1992) que será debatido logo na sequência.

## **IMPERATRIZ D. AMÉLIA: ESQUECIDA PELA HISTÓRIA, RELEMBRADA PELA LITERATURA**

O romance histórico do brasileiro Ivanir Calado (1992), *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* engloba em seu enredo a trajetória da jovem alemã que foi a segunda esposa de D. Pedro I e da qual pouco se tem registrado. A obra revisita o período de governo do imperador desde sua busca por uma nova esposa até sua abdicação ao trono e a Guerra Civil Portuguesa. Os eventos possuem grande similaridade com os relatos

históricos, mas, o que distancia o romance do total tradicionalismo é a perspectiva evidenciada ao longo da trama, não é D. Pedro I quem ocupa o protagonismo, e sim, sua esposa, Amélia de Leuchtemberg.

Uma das características primordiais do romance histórico contemporâneo de mediação aponta para a valorização e evidenciação das vozes apagadas pela historiografia. Considera-se fundamental para o relato de determinados eventos a participação e posicionamento das personalidades que ali se fizeram presente e não tiveram sua participação valorizada, sendo assim, apenas nomes considerados mais relevantes puderam ser eternizados em livros, documentos e arquivos disponíveis para raras consultas e pesquisas. A participação de Amélia foi tão curta no Império do Brasil, seu casamento tão curto, e por coincidência sua passagem pelo país tropical se deu em tão crítico momento, que sua trajetória foi quase que esquecida. Nos últimos anos, a literatura buscou auxiliar a memória nacional a recordar mais um membro de nossa história, mas pelo romance híbrido.

Considerando este romance um romance histórico contemporâneo de mediação, devemos evidenciar, de acordo com as características da modalidade apresentadas por Fleck (2017), o que classifica a obra de Calado dentro dos estudos aqui explicitados.

A primeira característica apontada por Fleck (2017, p.109) “uma releitura crítica verossímil do passado” recria eventos históricos de forma ficcional seguindo uma perspectiva diferente do tradicionalismo, ou seja, deixa de enaltecer heróis do passado “para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrativizados no romance, a partir de perspectivas periféricas, ancoradas em narradores-personagens antes vistos como secundários ou esquecidos pelo discurso historiográfico.” (FLECK, 2017, p. 109-110). O romance de Calado faz uso do período referente aos três últimos anos de governo de D. Pedro I, com foco nos conflitos que levaram à abdicação da coroa pelo imperador, buscando dar ênfase à participação de Amélia de Leuchtemberg. Esta narradora-personagem da narrativa, figura fora dos holofotes da historiografia.

Considerando que a boa parte das fontes disponíveis que contam o período do Primeiro Império pouco mencionam Amélia, em alguns momentos da narrativa, a personagem chama atenção para a falta ou desencontro de

informações a seu respeito. É então que ela assume o papel e inventora em momentos nos quais as buscas não são suficientes para sustentar sua narrativa.

Não creio que eu fosse realmente assim a maior parte do tempo, quando não estava sendo apresentada, quando não precisava representar o papel de princesa e futura imperatriz. Mas não há como saber de verdade. [...] Mas faltam acontecimentos reais para preencher as lacunas deixadas pelos historiadores, e as lembranças que às vezes invento nem sempre se ajustam ao que seria mais provável de acontecer naquela época e naquelas circunstâncias. (CALADO, 1992, p. 39).

Este fragmento exprime a crítica do romance, por ser um romance histórico contemporâneo de mediação, a narrativa não desconstrói o discurso histórico, mas levanta questionamentos sobre este, no caso da imperatriz, sobre a ausência de informações a seu respeito e o descomprometimento em manter sua figura ativa na historiografia brasileira.

A segunda característica apontada por Fleck (2017, p. 110) se constitui em “uma narrativa linear do evento histórico recriado”. Ao contrário do experimentalismo formal do novo romance histórico latino-americano, que toma a liberdade de conduzir o tempo da narrativa totalmente fora dos padrões (podendo contar a história do final para o começo, ou alternar a sequência narrativa), o romance histórico contemporâneo de mediação segue a ordem cronológica dos acontecimentos, obedecendo à linearidade temporal. O romance de Calado (1992) também segue essa característica. A narrativa se inicia pela união da avó de Amélia com Napoleão, justificando a linhagem real da imperatriz, passa por sua infância, casamento, até sua morte. A linearidade é interrompida apenas em determinados momentos nos quais a personagem precisa retomar suas memórias ou refletir sobre a veracidade de determinados eventos antes de prosseguir. Essas interrupções também se enquadram na definição de Fleck, já que mesmo seguindo a cronologia “não se deixa de manipular o tempo da narrativa, promovendo retrospectivas ou avanços nesta pelo emprego de analepses e prolepses” (FLECK, 2017, p. 110) como no seguinte recorte “Só agora, nesse agitado final de século vinte – arrastando meu espectro pelo vazio da biblioteca noturna – sinto real necessidade de entender o que acontecia aqui, do outro lado do mundo.” (CALADO, 1992, p.19). Assim, eventualmente, a personagem volta ao tempo presente para explicitar a construção discursiva do romance. É nesses

momentos que o narrador insere mais uma característica do romance histórico de mediação proposta por Fleck (2017): a presença da recursos metaficcionalis. A simples ocorrência da metaficção nos romances históricos, antes dos estudos de Fleck (2017), acabou acarretando na classificação de muitos deles como metaficções historiográficas. Entretanto, para uma obra ser enquadrada na modalidade crítica/desconstrucionista, Fleck (2017) afirma que a metaficção deve constituir-se na totalidade da obra, e não apenas em ocorrências esparsas como ocorre no romance de Calado (1992). Vejamos o que menciona o autor:

Do ponto de vista que confronta as singularidades das diferentes modalidades de escrita híbrida de história e ficção, a metaficção historiográfica se instaura como um conjunto específico de escritas quando os recursos metaficcionalis empregados numa obra se constituem no nível global de sentido desse texto, determinando também sua estrutura e as opções narrativas que a sustentam, e não apenas por compor uma releitura crítica do passado no qual se percebem efeitos de autorreferencialidade. (FLECK, 1992, p. 92).

O romance *Imperatriz no fim do mundo* (1992) segue um caminho diferente do apontado acima. Nele os recursos metaficcionalis empregados não são recorrentes e aparecem apenas nas interrupções da linearidade narrativa, atribuindo o caráter crítico do romance nesses fragmentos eventuais.

Amélia, enquanto espectro, encontra-se em uma situação de autoesquecimento e, assim que suas memórias desaparecessem por completo, sua existência, mesmo pós-morte, deixaria de fazer sentido. Para evitar a morte definitiva, a personagem decide reaver suas lembranças e registrá-las. Assim, para realizar sua tarefa, Amélia passa a buscar por relatos de seu passado em bibliotecas, documentos e lugares pelo mundo até chegar ao Rio de Janeiro, local onde viveu seus anos de imperatriz. No entanto, concluir sua tarefa com êxito seria mais difícil do que o imaginado, pois a historiografia não lhe havia dedicado o registro de sua vida e seus afazeres por completo. Na ânsia por registrar seu passado, Amélia precisa, por vezes, inventar passagens para preencher as lacunas deixadas pelos historiadores, explicitando, assim, no romance os limites entre a história e a ficção, como no fragmento a seguir:

Tanto que, para escrever estas anotações, fico às vezes completamente perdida. A ordem dos acontecimentos, até os mais triviais, varia de fonte para fonte (se eu, que vivi a época – mesmo tendo esquecido e

precisando reinventar quase tudo – fico completamente confusa, imagino a dificuldade com que irá se deparar um estudioso sério, interessado na absoluta fidelidade às datas, aos eventos e às suas motivações). Meu objetivo, na verdade, é bem mais prosaico: quero continuar existindo. Posso me dar ao luxo de escolher a versão que mais me agrada, posso optar pelo mito ao invés do fato, posso escolher fatos que tenham cara de mito. (CALADO, 1992, p. 105).

São recorrentes as observações de Amélia sobre a escassez de informações a seu respeito, em contraposição aos registros sobre o esposo, como podemos observar a seguir:

Venho falando quase apenas dos outros: Pedro, Barbacena, Chalaça. E eu? O que foi feito de mim durante todo aquele ano de 1830? Certo, circulei pelo palácio, influenciei nos costumes da corte e em alguns atos importantes do império, mas como será que eu estava? Como me sentia? É de impressionar a escassez de material a respeito. Pedro era tão importante, e aconteciam tantas coisas do lado de fora; parece que ninguém se deu muito ao trabalho de sobre mim. (CALADO, 1992, p. 115).

Essas analepses e prolepses ocorridas em *Imperatriz no fim do mundo* (1992) são bem claras e permitem ao leitor se localizar dentro da narrativa, considerando que as incursões ocorrem no tempo presente da personagem. Também essas incursões contribuem para a evidenciação tanto da segunda característica do romance histórico contemporâneo de mediação, quanto da terceira, “emprego de uma linguagem amena, fluída e coloquial.” (FLECK, 2017, p. 110). Mais um fator de distanciamento do romance de Calado em relação à fase desconstrucionista do gênero romance histórico é a linguagem empregada na narrativa. Os novos romances históricos e os altamente metaficcionais, em sua maioria, adotam um experimentalismo linguístico evidente na tentativa de realizar o enfrentamento entre o colonizador – com sua linguagem padrão – com o colonizado – com sua linguagem transplantada, optando, muitas vezes, pelo barroquismo.

O romance *Imperatriz no fim do mundo* (1992) não cumpre com esse papel, pois, além de seguir uma linearidade tradicional, a linguagem empregada na obra, como um todo, é predominantemente contemporânea e simples. Vê-se na linguagem optada por Calado uma maior proximidade com a linguagem do leitor, trazendo uma leitura mais confortável e ágil. No recorte, a seguir, podemos observar, novamente, o uso de uma linguagem mais recente ao invés da tentativa

de inserir uma mais próxima a possível correspondente à época da discussão entre Amélia e Maria da Glória, anos após a morte de D. Pedro I.

- Não venha falar do meu pai! Você, mais do que qualquer um, influenciou para que ele perdesse o trono do Brasil! Por sua causa ele acabou morrendo!

Não pude evitar um riso de pena.

- Ainda que isso fosse verdade, menina, o que absolutamente não é, eu não veria o motivo de sua lamentação. Se Pedro não tivesse saído do Brasil você seria até hoje uma rainha destronada. Seu tio continuaria no poder e sua única esperança seria ele se dignar a casar com você! (CALADO, 1992, p. 200).

Esses recursos, no entanto, são importantes para a narrativa de Calado, pois colocam o leitor a par do discurso histórico ao qual temos nós também acesso limitado. O romance em questão tem a intenção de fazer com que o leitor reflita a respeito das prioridades dadas pelos historiadores e redirecione os olhares para as figuras à parte que também contribuíram de forma significativa em determinadas passagens, mas foram ignoradas. A protagonista deixa claro seu comprometimento com a historiografia, reforçando o caráter híbrido mediador da obra.

Apesar disso não quero inventar a partir do nada: tudo que anoto precisa de alguma base documental, ou pelo menos literária (só não consegui confirmação externa da existência da morte, da morte de branco). Sinto que a criação voluntária de uma mentira me transformaria em algo tão distante a ponto de eu não me reconhecer. E não desejo isso. (CALADO, 1992, p. 105).

Não poder inventar do nada, para a protagonista e para o leitor, acarreta na constituição da verossimilhança no romance, compondo um terreno mais viável para as críticas contidas no decorrer da narrativa, pois, se os questionamentos são relativos ao posicionamento historiográfico parcial, a explicitação desses discursos possibilitaria ao leitor uma compreensão mais próxima do que o narrador busca evidenciar.

Entretanto, essa intencionalidade do autor em criticar o discurso histórico é, em última análise, parcial nesse romance, pois muito do que a historiografia prega, inclusive, sobre a abdicação de D. Pedro I e sua fama pessoal, não é desconstruído, não há multiplicidade de vozes enunciativas e de perspectivas que, de fato, mostrem vários pontos de vista além daquele de Amélia. O que

ocorre, é uma mediação entre o tradicionalismo e a crítica. Na obra de Calado, de forma mediadora, as teorias e informações sobre o Primeiro Reinado e a trajetória de vida de uma das imperatrizes do Brasil são incrementadas, e não desconstruídas. Isso nos leva a crer que esse romance é representativo da modalidade mais recente: o romance histórico contemporâneo de mediação. Como explica Fleck (2017, p. 105):

Essas narrativas híbridas de história e ficção atuais não se fixam, como ocorre com o novo romance histórico, em grandes heróis mitificados pelo discurso historiográfico e na releitura de suas ações com intuito de romper imagens cristalizadas e mitificadas destes. Antes da desconstrução de heróis consagrados e suas ações, elas buscam por personagens históricas periféricas, marginalizadas ou excluídas – ou metonímias destas –, a fim de representar perspectivas silenciadas e negligenciadas pela historiografia. São releituras críticas do passado, com personagens protagônicas ex-cêntricas, como ocorre várias vezes na metaficção historiográfica, contudo, sem o sumário intento da desconstrução radical que orienta a produção crítica precedente.

O tratamento mediativo do discurso historiográfico no romance pode ser observado ao fazermos a leitura das biografias sobre a imperatriz D. Amélia, usadas como fonte de pesquisa por Calado: *A segunda imperatriz do Brasil* (1927), de Maria Junqueira Schimidt, e *Imperatriz Dona Amélia* (1947), de Lygia Lemos Torres.

O discurso do romance, em muito, assemelha-se ao discurso dessas biografias (documentos históricos), as informações aí contidas, em sua maioria, são mantidas e/ou inseridas na narrativa ficcional de forma apenas mais próxima ao leitor para que ele possa assimilar as informações como se elas fossem pensamentos e emoções da protagonista, ou mesmo para evitar um distanciamento do próprio discurso histórico, já que o objetivo da obra se retém em destacar a participação de Amélia nos eventos relatados, e não reformular e desconstruir a história.

É o que ocorre entre o romance de Calado (1992) e a biografia escrita por Torres (1947), *Imperatriz Dona Amélia*. Em ambos os textos pode ser observada a semelhança ao descreverem a aceitação de Amélia ao pedido de casamento feito por D. Pedro I. Na biografia, Torres (1947, p. 27) insere uma passagem de *Revue des Questions Historiques* (1937), de Henri Chavane de Dalmassy, para descrever a decisão que levou a jovem ao posto de Imperatriz do Brasil:

No entanto, depois de quatro dias de sérias reflexões, e de ter consultado o seu confessor, a princesa procurou D. Augusta Amélia e disse-lhe resolutamente: - “Aceito, querida mamãe; mas, separando-me da Sra. e entregando o meu futuro a um homem que não me é conhecido, e do qual me disseram uma quantidade de coisas que não são recomendáveis, creio fazer um grande sacrifício, e peço que me seja permitido impor uma condição. Repito, contudo, que, não acreditando em tudo que me disseram, aceito, mais com a condição única de que o meu casamento seja em proveito da minha família, isto é, que o imperador, por si mesmo ou por sua mediação, restitua a meu irmão o título que pertencia a meu pai.” (TORRES, 1947, p. 27).

A mesma passagem é encontrada no romance de Calado (1991), entretanto, o autor insere os possíveis pensamentos e sentimentos de Amélia, sem alterações questionáveis, mantendo fidelidade ao discurso histórico:

No quarto dia entrei novamente nos aposentos de mamãe, sem esperar qualquer convite – e ainda de pé, junto à porta, fiz o pequeno discurso que havia preparado cuidadosamente. Queria que a coisa soasse oficial, sem qualquer emoção:

– Aceito, querida mamãe – por mais que eu tentasse o contrário, o querida soou falso – mas, separando-me da senhora e entregando meu futuro a um homem que não conheço, e do qual me disseram uma quantidade de coisas não recomendáveis, creio fazer um grande sacrifício, e peço que me seja permitido impor uma condição: que o casamento seja em proveito de minha família, isto é, que o imperador, por si mesmo ou por sua mediação, restitua a meu irmão o título que era de meu pai. (CALADO, 1992, p. 32).

Mais adiante, Torres (1947, p. 98-99), menciona uma das vezes em que Amélia influenciara D. Pedro I. A autora relata que “D. Amélia, aconselhada pelo marquês de Barbacena, foi quem mais influiu na decisão do imperador para demitir o antipático ministério, substituindo-o por outro, composto somente de Brasileiros natos.” E, como resultado da façanha da imperatriz, “tal medida apaziguou ânimos exaltados, pois o povo, em geral, se queixava da nomeação de Portugueses, de princípios anticonstitucionais, para ocuparem cargos públicos [...]”

No romance de Calado (1992, p. 88), encontramos, novamente, passagem semelhante à biografia feita por Torres (1947). Ao relatar a preocupação do marquês de Barbacena com a reprovação em relação ao governo de D. Pedro I, a protagonista cita a seguinte fala do marquês “Por favor, senhora. Vejo pelo seu rosto que é mesmo o anjo de que o imperador fala.

Reconcilie-o com a nação. Só a senhora pode ser a ponte entre o povo sofrido e esse nosso amigo de cabeça dura.” (CALADO, 1992, p. 88). Em seguida, Amélia expressa sua reação à fala do amigo, exultando a astúcia descrita sobre ela pelos historiadores: “Aquilo me deu fôlego para voar mais alto ainda. Não era apenas uma questão de reformas domésticas no palácio: eu estava sendo invocada por uma das figuras mais importantes do país a tomar as rédeas, a agir”. Após reuniões entre a Imperatriz, Barbacena e Bonifácio para traçar estratégias políticas, houve a mudança dos ministérios conforme o relato de Torres (1947).

A 4 de dezembro de 1829 D. Pedro dissolveu o ministério e formou um novo, composto principalmente por brasileiros, no qual tinha papel de destaque o Marquês de Barbacena. O próprio José Bonifácio declinou de um posto. [...]. A nomeação do ministério pareceu acalmar um pouco os ânimos populares, mas o meu próprio ânimo seria posto a pique pela rápida visita de uma figura da qual praticamente não me lembrava, e que era capaz de me lançar às profundezas do horror. (CALADO, 1992, p. 88-89).

Como “[...] é a construção da verossimilhança que dá credibilidade a outras perspectivas do passado ao longo do relato” (FLECK, 2017, p. 105), Ivanir Calado faz bom uso dessa ferramenta e consegue estruturar as informações apresentadas nas pesquisas de forma a transformar o relato histórico em uma narrativa linear, singela, e que, com linguagem próxima a do leitor, ameniza os limites do discurso historiográfico, pondo o receptor em posição de espectador curioso e confortável durante a leitura das peripécias de Amélia.

Tais evidentes inserções do discurso historiográfico no romance de Calado, sem que haja nesse intento nenhum sentido paródico moderno de “releitura crítica do texto primeiro”, como ao que se refere Hutcheon (1991), são provas evidentes de que estamos frente a uma “mediação” entre o tradicional e o crítico-moderado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos sobre o gênero híbrido de história e ficção têm demonstrado o quão acelerada vem sendo a evolução dos romances históricos, como suas características primordiais vem sendo repensadas e reorganizadas constantemente, atribuindo novas reflexões a partir do diálogo entre documental e

o imaginado. No entanto, a crítica literária não tem acompanhado essas evoluções com o mesmo frenesi. Obras como a analisada aqui neste trabalho surgiram, tem ganhado espaço, e só pouco mais de 30 anos após seu surgimento aparecem estudos que possam amparar as análises desses romances híbridos contemporâneos.

Tal reflexão deve nos levar a guiar nossos pensamentos também em ritmo de constante observação, reconhecendo que, naturalmente, ocorre a reinvenção ou adaptação da literatura frente à sociedade. Assim, também o olhar do pesquisador sobre a obra literária deve ser o da busca pelos avanços, identificação e apresentação destes para que outros pesquisadores e leitores sigam o exemplo investigativo e prossigam com a curiosidade em desvendar mais, de descobrir o que ainda está implícito, de ampliar o conhecimento e propagar a construção deste.

O romance *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* (1992) é um bom exemplo da importância da investigação constante. Este romance já foi classificado como um romance histórico desconstrucionista graças ao arcabouço de teorias disponíveis até a data das pesquisas, teorias essas que não poderiam apontar para caminhos diferentes. Entretanto, ao observar tanto os romances contemporâneos quanto a crítica que amparava suas análises, Fleck e outros descobriram que havia ainda mais do que o já conhecido. A investigação feita pelo pesquisador brasileiro possibilitou termos, atualmente, mais uma possibilidade de estudo sobre o romance de Calado e tantos outros.

Por fim, não apenas a pesquisa acadêmica deve ser constantemente repensada, mas, também, o passado em si. É interessante que se tenha um olhar crítico sobre os discursos que apontam para o que ocorreu anos atrás, reconhecer que esses discursos são construções plausíveis de outras interpretações, de que há várias vozes que possam nos contar sobre o mesmo passado e todas deveriam ser ouvidas.

*IMPERATRIZ NO FIM DO MUNDO: MEMÓRIAS DÚBIAS DE AMÉLIA DE LEUCHTEMBERG* (1992), OF IVANIR CALADO - MEDIATION BETWEEN TRADITIONALISM AND DECONSTRUCTIONISM IN A CONTEMPORARY HISTORICAL NOVEL OF MEDIATION

**Abstract:** The various manifestations of the hybrid writing of history and fiction have composed a range of novels that evidence the constant evolution of the historical novel genre. More recently, the genre started to present novels with new characteristics, novels that, from the studies of Fleck (2017), could find their own space between the classifications and began to be classified within the mediating phase of the historical novel and the modality of the contemporary historical novel of mediation. Among the novels studied by the theories of the historical novel, we find the work of Calado (1992) *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* that falls within what Fleck's studies (2007, 2017) point out as characteristics of a novel history of the most recent modality of the genre. Based on the trajectory of the hybrid novels of history and fiction, and in the theories of Hutcheon (1992), Menton (1993), Mata Induráin (1995), Fleck (2007, 2017), among others, we seek by means of this article to point out reflections that classify Calado's novel as yet another of contemporary historical mediation novels.

**Keywords:** Hybrid Writing of History and Fiction. Contemporary Historical Novel of Mediation. *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* (1992).

## REFERÊNCIAS

CALADO, I. **Imperatriz no Fim do Mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

CARPENTIER, A. **El reino de este mundo**. Santiago, Chile: Orbe, 1972.

FLECK, G. F. **O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F. "Conquista do "entre-lugar": a trajetória do romance histórico na América." **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.

FLECK, Gilmei Francisco. Ficção, História, Memória e suas Inter-relações. In Revista de Literatura, História e Memória. Cascavel: Unioeste, 2008, p. 139-150.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MATA INDURÁIN, C. "Restrospectiva sobre la evolución de la novela histórica". In: SPANG, Kurt et al. **La novela histórica: teoría y comentarios**. Barañáin: Universidad de Navarra, 1995. p. 13-63.

MENTON, S. **La nueva novela histórica da la América Latina 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

SANTOS, A. M. dos. "A relativização da verdade em A imperatriz do fim do mundo". **Revista Eletrônica Vidya**. Centro Universitário Franciscano de Santa Maria – RS, p. 119-127, jan./jun. 2000.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

SCHIMIDT, M. J. **A segunda imperatriz do Brasil**. São Paulo, 1927.

TORRES, L. L. **Imperatriz Dona Amélia**. São Paulo: Typ, Elvino Pocai, 1947.

Data da Submissão: 01/11/2018

Data da Aprovação: 05/11/2018